

Terminamos 2020 com a sensação de que foi tudo demais: o furor da pandemia em nível global, com o estarrecedor número de óbitos, sem falar na perda de empregos, o fechamento de atividades comerciais e industriais, o empobrecimento grave da população, principalmente dos mais pobres. Mas não foi tudo. Vivemos no Brasil a intensificação do terror destes acontecimentos a partir da gestão de um presidente que tem desprezado a gravidade da doença, ridicularizado aqueles que tem lutado contra ela, omitido informações, negado a ajuda federal aos estados, e promovido um desmonte obscurantista e sistemático à ciência, dentre outras atrocidades. Assim, ao longo deste ano, como se não bastasse a precária recomposição do cotidiano assolado pela crise sanitária, ainda tivemos que nos haver com a “guerra híbrida” do presidente contra a população brasileira. Ao final de 2020, somam-se, no entanto, ao rescaldo, tanto a exaustão e a falta de perspectivas, como também as ações criativas de sobrevivência, solidariedade e mobilização frente à adversidade.

A pandemia trouxe para as crianças e para os jovens a situação completamente inusitada de não poder ir para a escola. O que chama a atenção é que, relativamente ao que aconteceu com os adultos no tocante a suas perdas, a enorme vulnerabilidade das crianças e jovens tem sido pouco visibilizada. Abruptamente, às crianças foram subtraídos seu “projeto de vida”, a mais basilar forma material e simbólica da sua existência, lançando jovens e crianças a ter que lidar com o vazio deixado por não ter o que fazer, para onde ir, com quem se relacionar e o que esperar. Mesmo para as crianças e jovens – afortunados, e em menor número – que puderam seguir aulas e cursos online, providos pelos estabelecimentos privados, a grande maioria seguiu sem poder acessar ao muito que a grande maioria de professoras e professoras se esforçou para continuar oferecendo com os poucos recursos das escolas públicas. Assim, às grandes desigualdades sociais e econômicas que a pandemia aprofundou em países como o Brasil, se junta a desigualdade geracional. Com pouca intensidade repercutiram os efeitos traumáticos da pandemia sobre as crianças e os jovens, afetados profundamente em seus elos com os outros e no processo de construção de si; ainda que, contraditoriamente, em âmbitos de discussão pública das mídias alternativas, tenha havido mobilizações importantes e sistemáticas dos profissionais e pesquisadores/as da área com o objetivo de gerar impacto sobre esta questão.

Nesta edição da DESIDADES, na seção Temas em Destaque, trazemos algumas reverberações desta situação pandêmica em três artigos, o de Nádia Lima, o de Celeste Hernandez e o das pesquisadoras Ana Hecht, Noelia Enriz e Mariana Palacios. Nestes, se discutem as muitas facetas de como a pandemia, na Argentina e no Brasil, destituiu ainda mais cruelmente aqueles que já tinham pouco, os povos indígenas, por exemplo; ou, como o futuro das crianças parece abalado estruturalmente: elas voltarão à escola depois da pandemia, ou se desligarão dela de vez? Por outro lado, para muitas crianças, a situação problemática é diferente: a de saber o que fazer com tanta tela a que as crianças estão expostas. Será essa uma transmissão que se torna mais fácil, ou mais difícil?

As questões da aprendizagem, da transmissão e da inter-geracionalidade são trazidas, em outros seis artigos, sob enfoques diferentes, retratando como as duas gerações – de crianças e adultos - se enlaçam no processo de reprodução social e, também, de reinvenção de si e da cultura em contextos diferentes. Inês Barbosa, enfocando o contexto escolar, discute as noções de desaprendizagem e desobediência questionando a missão, tida como convencional,

da instituição escolar que é a de ensinar, a qual pressupõe um sujeito – o estudante – aquiescente e submisso. Distante do contexto escolar, no sertão do Brasil, Marcela Centelhas volta sua lente investigativa para as práticas de cuidado e de higiene que enlaçam, simultaneamente, as duas gerações – mães e crianças. Sutilmente regulados pelos poderes do aparelho estatal nas suas políticas de acesso à água, os corpos, afetos e atitudes de crianças e suas mães se conectam a uma dinâmica social atravessada pelas políticas públicas, e igualmente condicionada pelo território, a raça e a classe das mães e das crianças. Ainda no âmbito da ruralidade, com o foco na educação não formal de crianças que vivem em uma zona próxima a Buenos Aires, temos o artigo de Celeste de Marco que discute o valor de atividades educacionais que ensejam a participação ativa das crianças na construção do fazer coletivo. Na mesma veia de escutar a criança, e de através dela acessar as práticas do grupo social, está o artigo de Neyra Solis cujo objetivo é estudar o patrimônio pelo olhar das crianças. Ela investiga como as crianças ciganas Ludar no México atualizam, permanentemente, o patrimônio cultural deste grupo social através da prática do espetáculo – suas apresentações na rua. Aí, também, se enlaçam as duas gerações em um processo vivo de transmissão e reinvenção das práticas culturais. Os pactos geracionais – entre crianças e adultos – são postos em questão no artigo de Erica Atem e João Paulo Barros que buscam acompanhar os processos em que as duas gerações – nos encontros de pesquisa analisados – podem reinventar suas posições no discurso, e abrir-se ao imprevisível do encontro. Enfim, o artigo de Giselle Azevedo, Regina Tanguari e Alain Flandes toma a cidade como território educativo e a voz e a participação das crianças neste espaço como elemento crítico fundamental para o desenho de uma cidade mais justa para todos e todas.

Outros quatro artigos se debruçam sobre temáticas da juventude. Ambos os artigos de Alfredo Nateras e Rogelio Marcial tratam de investigações sobre a situação de violência institucional no México e seus efeitos sobre os grupamentos juvenis, suas identidades e seus valores. Mesmo frente a este cenário tão adverso, Nateras aponta algumas linhas de fuga tendo em vista uma cultura da paz onde se possa expressar a potência de uma cidadania juvenil. O artigo de Maria Victoria Correio fecha esta tríade problematizando a produção teórica sobre juventudes na Argentina, ao interrogar-se sobre as possibilidades de fazer valer enfoques que ponham em relevo as relações de gênero, assim como questionem o adultocentrismo. E finalmente, o artigo de Samira Bastos traz uma discussão sobre as medidas socioeducativas com jovens negros em duas capitais do Brasil mostrando como o punitivismo tem alimentado a criminalização da pobreza e a desproteção social das famílias.

Na seção Espaço Aberto, temos o prazer de trazer a entrevista de Bruno Picoli com Maria Celi Chaves Vasconcellos sobre Educação Domiciliar no cenário brasileiro, o que tem sido chamado frequentemente de *homeschooling*, quando se usa o anglicismo. A entrevista é uma contribuição ao debate que ora se apresenta como extremamente relevante, no momento em que as crianças e jovens seguem em casa recebendo o aporte educacional da escola.

O livro “O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, infância e celebridade”, de Renata Tomaz é apresentado na resenha feita por Juliana Doretto. Ainda na seção de Informações Bibliográficas, temos o levantamento de publicações na área de infância e juventude, lançadas neste último trimestre, no âmbito das ciências humanas e sociais. Continuamos crendo que poder ter acesso ao que se publica em livros – em toda a América Latina - sobre infâncias e juventudes é da maior relevância para o trabalho dos pesquisadores/as e profissionais nesta área.

Boa leitura!

**Lucia Rabello de Castro**  
EDITORA CHEFE

Terminamos el 2020 con la sensación de que fue todo demasiado: el furor de la pandemia a nivel global, con el aterrador número de óbitos, sin mencionar la pérdida de empleos, el cierre de actividades comerciales e industriales, el empobrecimiento grave de la población, principalmente de los más pobres. Pero no fue todo. Vivimos en Brasil la intensificación del terror de estos acontecimientos a partir de la gestión de un presidente que ha despreciado la gravedad de la enfermedad, ridiculizando a aquellos que han luchado contra ella, omitiendo información, negando ayuda federal a los estados, y promovido un desarme obscurantista y sistemático de la ciencia, entre otras atrocidades. Así, a lo largo de este año, como si no bastase la precaria recomposición de lo cotidiano azotado por la crisis sanitaria, además tenemos que vérnosla con la “guerra híbrida” del presidente contra la población brasileña. Al final del 2020, se suman, sin embargo, tanto el agotamiento y la falta de perspectivas, como también las acciones creativas de supervivencia, solidaridad y movilización frente a la adversidad.

La pandemia trajo para los y las niños/as y para los jóvenes la situación completamente inusitada de no poder ir a la escuela. Lo que llama la atención es que, relativamente a lo que sucedió con los adultos en lo que respecta a sus pérdidas, la enorme vulnerabilidad de los y las niños/as y jóvenes ha sido poco visibilizada. Abruptamente, a los y las niños/as les fueron sustraídos sus “proyectos de vida”, la más basilar forma material y simbólica de su existencia, lanzando a jóvenes y niños/as a tener que lidiar con el vacío dejado por no tener qué hacer, hacia donde ir, con quién relacionarse y qué esperar. Aún para los y las niños/as y jóvenes -afortunados, y en menor número- que pudieron seguir sus clases y cursos online, provistos por los establecimientos privados, la gran mayoría siguió sin poder acceder a lo mucho que la gran mayoría de profesores y profesoras se esforzó para continuar ofreciendo con los pocos recursos de las escuelas públicas. Así, a las grandes desigualdades sociales y económicas que la pandemia profundizó en países como Brasil, se junta la desigualdad generacional. Con poca intensidad repercutieron los efectos traumáticos de la pandemia sobre los/las niños/as y jóvenes, afectados profundamente en sus lazos con los otros y en el proceso de construcción de sí; aunque, contradictoriamente, en ámbitos de discusión pública de los medios de comunicación alternativos, haya habido importantes y sistemáticas movilizaciones de los profesionales e investigadores/as del área con el objetivo de generar impacto sobre esta cuestión.

En esta edición de DESIDADES, en la sección Temas Sobresalientes, traemos algunas reverberaciones de esta situación pandémica en tres artículos, el de Nádia Lima, el de Celeste Hernández y el de las investigadoras Ana Hecht, Noelia Enriz y Mariana Palacios. En ellos se discuten las muchas facetas de como la pandemia, en Argentina y en Brasil, destituyó aún más cruelmente a aquellos que ya tenían poco, los pueblos indígenas, por ejemplo; o, cómo el futuro de los y las niños/as parece afectado estructuralmente: ¿volverán a la escuela después de la pandemia, o se desligarán de ella permanentemente? Por otro lado, para muchos niños y niñas, la situación problemática es diferente: la de saber qué hacer con tanta pantalla a la que los niños/as están expuestos. ¿Será esa una transmisión que se torna más fácil, o más difícil?

Las cuestiones de aprendizaje, de transmisión y de intergeneracionalidad son traídas, en otros seis artículos, bajo enfoques diferentes, retratando cómo las dos generaciones – de niños/as y adultos – se enlazan en contextos diferentes. Inês Barbosa, enfocando el contexto escolar, discute las nociones de desaprendizaje y desobediencia cuestionando la misión, asumida como convencional, de la institución escolar que es la de enseñar, la cual presupone un sujeto – el estudiante – tolerante y sumiso. Distante del contexto escolar, en el sertão de Brasil, Marcela Centelhas vuelca su lente investigativa hacia las prácticas de cuidado y de higiene que enlazan, simultáneamente, las dos generaciones – madres y niños/as. Sutilmente regulados por los poderes del aparato estatal en sus políticas de acceso al agua, los cuerpos, afectos y actitudes de los y las niños/as y sus madres se conectan a una dinámica social atravesada por políticas

públicas, e igualmente condicionada por el territorio, raza y clase de las madres y de los/as niños/as. Aún en el ámbito rural, con el enfoque en la educación no formal de niños/as que viven en una zona próxima a Buenos Aires, tenemos el artículo de Celeste de Marco que discute el valor de las actividades educativas que se proponen la participación activa de los/as niños/as en la construcción de un hacer colectivo. En la misma dirección de escuchar a los/as niños/as, y de a través de ella acceder a las prácticas del grupo social, está el artículo de Neyra Solis cuyo objetivo es estudiar el patrimonio a través de la mirada de los y la niños/as. Ella investiga cómo los niños y niñas gitanos Ludar en México actualizan, permanentemente, el patrimonio cultural de este grupo social a través de la práctica del espectáculo – sus presentaciones en la calle. En ellas también se enlazan las dos generaciones en un proceso vivo de transmisión y reinención de las prácticas culturales. Los pactos generacionales – entre niños/as y adultos – son puestos en cuestionamiento en el artículo de Erica Atem y João Paulo Barros que buscan acompañar los procesos en los que las dos generaciones – en los encuentros de investigación analizados – pueden reinventar sus posiciones en el discurso, y abrirse a lo imprevisible del encuentro. Finalmente, el artículo de Giselle Azevedo, Regina Tânguari y Alain Flandes toma a la ciudad como territorio educativo y a la voz y a la participación de los y las niños/as en este espacio como elemento crítico fundamental para el diseño de una ciudad más justa para todos y todas.

Otros cuatro artículos se dedican a temáticas de la juventud. Ambos los artículos de Alfredo Nateras y Rogelio Marcial tratan de investigaciones sobre la situación de violencia institucional en México y sus efectos sobre las agrupaciones juveniles, sus identidades y valores. Aún frente a este escenario tan adverso, Nateras señala algunas líneas de fuga teniendo en vista una cultura de la paz donde se pueda expresar la potencia de una ciudadanía juvenil. El artículo de Maria Victoria Correio cierra esta tríada problematizando la producción teórica sobre juventudes en Argentina, al interrogarse sobre las posibilidades de hacer valer enfoques que pongan en relieve las relaciones de género, así como cuestionen el adultocentrismo. Y, finalmente, el artículo de Samira Bastos trae una discusión sobre las medidas socioeducativas con jóvenes negros en dos capitales de Brasil mostrando cómo el punitivismo ha alimentado la criminalización de la pobreza y la desprotección de las familias.

En la sección Espacio Abierto, tenemos el placer de traer la entrevista de Bruno Picoli con Maria Celi Chaves Vasconcellos sobre Educación Domiciliaria en el escenario brasileño, lo que ha sido llamado frecuentemente como *homeschooling*, cuando se usa el anglicismo. La entrevista es una contribución al debate que actualmente se presenta extremadamente relevante, en el momento en que los/as niños/as y jóvenes siguen en casa recibiendo el aporte educacional de la escuela.

El libro “¿Que vas a ser antes de crecer? Youtubers, infancia y celebridad”, de Renata Tomaz es presentado en la reseña hecha por Juliana Doretto. Aún en la sección de Informaciones Bibliográficas, tenemos el relevamiento de publicaciones en el área de infancia y juventud, lanzadas en este último trimestre, en el ámbito de las ciencias humanas y sociales. Continuamos creyendo que poder tener acceso a lo que se publica – en libros- en toda América Latina – sobre infancias y juventudes es de la mayor relevancia para el trabajo de los/as investigadores/as y profesionales en esta área.

¡Buena lectura!

**Lucía Rabello de Castro**  
**JEFA EDITORA**

Alberto Conde Flores – México, Universidad Autónoma de Tlaxcala  
Alfredo Nateras Domínguez – México, Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa  
Ana Cristina Serafim da Silva – Brasil, Universidade Federal do Tocantins  
Ana Karina Brenner – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Aurelia Flores Hernández - México, Universidad Autónoma de Tlaxcala  
Carmen Maria Craidy – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Dorian Mônica Arpini – Brasil, Universidade Federal de Santa Maria  
Edith Cortés Romero – México, Universidad Autónoma del Estado de México  
Edith Salazar de Gante – México, Universidad Autónoma de Tlaxcala  
Eduard Ballesté – Espanha, Universitat Pompeu Fabra Barcelona  
Fabio Mallart Moreira – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Flavia Cristina Silveira Lemos – Brasil, Universidade Federal do Pará  
Giancarlo Marques Carraro Machado – Brasil, Universidade Estadual de Montes Claros  
Gilberto Geribola Moreno- Brasil, Universidade Estadual de Maringá  
Giovane Antonio Scherer – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Guillermo André Aderaldo – Brasil, Universidade Federal de Pelotas  
Hugo César Moreno Hernández – México, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla  
Ilana Lemos de Paiva – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
João Batista de Menezes Bittencourt – Brasil, Universidade Federal de Alagoas  
Jordi Nofre – Portugal, Universidade Nova de Lisboa  
Jose Sánchez - Espanha, Universitat Pompeu Fabra Barcelona  
Juliana Brandão Machado – Brasil, Universidade Federal do Pampa  
Karine dos Santos – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Leandro De Lajonquière- Brasil, Universidade de São Paulo  
Luciana Gageiro Coutinho – Brasil, Universidade Federal Fluminense  
Mara Lago – Brasil, Secretaria de Educação da Prefeitura de Porto Alegre  
Marcos Cezar de Freitas – Brasil, Universidade Federal de São Paulo  
Maria Luiza Campos da Silva Valente- Brasil, Pontifícia Universidade Católica – Rio  
Maria Offenhenden – Espanha, Universidad Rovira i Virgili Tarragona  
María Raquel Patricia Macri – Argentina, Universidad de Buenos Aires  
Neyra Patricia Alvarado Solís – México, El Colegio de San Luis  
Núria Arauna – Espanha, Universidad Rovira i Virgili Tarragona  
Oriana Holsbach Hadler – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Pilar Medina – Espanha, Universitat Pompeu Fabra Barcelona  
Raquel Souza – Brasil, Instituto Unibanco  
Regina Célia Reyes Novaes – Brasil, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Suzana Santos Libardi – Brasil, Universidade Federal de Alagoas  
Virzângela Paula Sandy Mendes – Brasil, Universidade Estadual do Ceará